

Fernando Molica

Grosseria com Marina revela também mudança na visão ambiental

O constrangimento imposto no Senado à ministra Marina Silva reflete a grosseria e o machismo de parlamentares e também mudanças importantes na percepção de pautas relacionadas ao meio ambiente.

Há alguns anos, mesmo os maiores entusiastas do desmatamento evitavam expor de maneira explícita o que queriam — hoje, não têm qualquer pudor em expor a defesa da devastação. A aprovação, pelo próprio Senado, de mudanças na legislação ambiental indica que não há qualquer medo ou constrangimento de atacar nosso patrimônio natural.

Ao longo do tempo, a causa ambientalista parece ter passado por um processo de desgaste como o do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Para uma parcela muito grande de brasileiros, os ambientalistas e o MST — e, de certa forma, a CLT — passaram a ser associados ao atraso, ao culto da pobreza, forças que assim impediriam o progresso e a prosperidade.

Aos olhos de 2025 chega a parecer impossível que, há quase

30 anos, a personagem de uma militante sem terra tenha sido protagonista da então principal novela da Globo.

Uma mudança radical como a ocorrida em pouco tempo requer avaliações mais precisas, respaldadas em pesquisas antropológicas e de ciências políticas e sociais. Mas é impossível não reconhecer um cansaço com a expectativa de um futuro que nunca chegava, de uma riqueza que, geração após geração, mostrava-se impossível de ser alcançada.

As mudanças no mercado de trabalho arrebentaram com categorias fortes e organizadas, as lutas coletivas foram perdendo força e, mesmo, simpatia. A lógica coletivista da Teologia da Libertação, tão propalada por setores progressistas da Igreja Católica e tão atacada pelo Vaticano, perdeu força.

Mais importante passou a ser lutar por projetos individuais tão bem anunciados e representados por igrejas evangélicas nas quais o pecado é permanecer pobre: o pastor rico é exemplo de projeto a ser imitado.

Há 40 anos, participei de uma entrevista do então arcebispo de Havana, Jaime Ortega. Na época, Cuba ainda se beneficiava do apoio econômico da União Soviética, o que garantia à população acesso a bons serviços de saúde e educação e um padrão de vida compatível com o de uma classe média baixa.

Ao falar dos jovens, Dom Ortega disse que eles tinham ambições parecidas com as de adolescentes norte-americanos. Sem maiores preocupações com a sobrevivência, um jogo que lhes parecia jogado, queriam consumir, comprar jeans e Coca-cola. É provável que algo parecido tenha ocorrido por aqui.

Os ambientalistas exerceram um papel decisivo na nossa história recente, ressaltaram a necessidade de preservação, mas parecem ter falhado na tentativa de mostrar que preservação não é inimiga do progresso; que, pelo contrário, a manutenção de reservas naturais representa um ativo político e econômico fundamental para o país.

O discurso acabou sendo atro-

pelado pelo mote da riqueza-já exibida pelo agronegócio, que, embalado por generosos subsídios, conseguiu se impor como sinônimo de modernidade, um modo de vida com repercussões até na trilha sonora que embala o país.

Pouco importa que, tantos séculos depois, o Brasil tenha voltado a ser fornecedor de produtos primários, que o grosso do agro seja voltado para a plantação de ração, não de alimentos. Ninguém parece se importar que o avanço desmensurado sobre matas comprometa o próprio futuro da atividade agrícola.

Às vésperas da COP30, Marina Silva e a causa ambiental enfrentam um ambiente hostil, inclusive no próprio governo. O presidente Lula demonstra, no mínimo, uma postura dúbia: no exterior, fala em desenvolvimento sustentável; por aqui, revela incapacidade de tomar medidas compatíveis com seu discurso. Em breve, chegará à sua mesa o projeto de lei que desmonta a legislação ambiental, ele terá a chance de, com eventuais vetos, mostrar de que lado está.

Leonardo Boff*

Duas portas de entrada da ética: o masculino e o feminino

Atualmente há vários modelos éticos que procuram dar conta das questões suscitadas pela complexidade da vida contemporânea em processo de unificação planetária, não obstante o desmantelamento do processo de globalição econômica perpetrada por Donald Trump, no interesse de um mundo unipolar, comandado pelos USA.

Alguns modelos vêm do passado, da tradição aristotélico-tomista, assumida como referência teórica por uma instituição tão importante quanto a Igreja Católica, fundada primordialmente ao redor do tema da justiça,da subsidiariedade e da equidade. Outros foram elaborados no seio da modernidade como a ética kantiana do dever. Ou a partir da tradição revolucionária de cunho marxista-socialista, enfatizando a igualdade e a solidariedade. Outros são elaborações recentes, como o ecosocialismo democrático, próprias das sociedades complexas, em vista das práticas sociais, técnico-científicas e cológicas, realçando o tema da responsabilidade pessoal e coletiva, respeito ao princípio da precaução, reconhecimento dos direitos da natureza e da Terra.

Todos estes sistemas estão de alguma forma presentes no nosso espaço cultural, corroboram na criação de uma pre-compreensão ética e constituem um fundo de reserva histórica para ulteriores discussões e elaborações éticas.

Tomando em conta toda esta diligência histórica sobre o tema da ética, existe ainda uma corrente que marca o discurso ético de ponta a ponta e que nos foi conscientizada pelo movimento

feminista mundial. As feministas nos dizem que existem duas portas de entrada para o discurso ético: a porta do homem sob a figura do pai e a porta da mulher sob a figura da mãe.

Notoriamente vivemos ainda, desde o neolítico, sob a era do pai e do patriarca. A ética prevalente foi formulada na linguagem do homem que ocupa o espaço público e detém o poder. Ele se expressa por princípios, imperativos, normas, ordenações e principalmente pelo Estado de direito com suas instituições e culmina com o tema da justiça. Usa como instrumento de construção o logos, a razão nas suas várias formas.

A porta da mulher foi praticamente silenciada ou nem sequer foi aberta totalmente. Ela se expressa pela afetividade, pela receptividade, pela relação, pela estética e pela espiritualidade e culmina com o tema do cuidado. O instrumento de construção é o pathos ou o Eros vale dizer, a razão sensível ou cordial.

Efetivamente há uma experiência da vida, própria da mulher e outra, própria do homem. Embora homem e mulher sejam recíprocos, não são redutíveis uns aos outros, pois mostram singularidades que aparecem em todos os campos também nos discursos éticos.

Hoje é tempo de termos uma experiência ética mais integradora que supere a particularização da ética do homem e que valorize as contribuições que vêm da ética da mulher. Homem e mulher juntos (animus/anima) permitem fazer uma experiência mais rica e total do humano.

Portanto, junto com a voz da justiça importa escutar a voz do cuidado. Algumas filósofas norte-americanas trabalharam com profundidade esta questão: Carol Gilligan (1982), Nel Noddings (2000), Annete C. Baier (1995) e M. Mayeroff (1971). Entre nós no Brasil se destaca toda a obra de Vera Regina Wal-dow (1993,1998,2006). Nós mesmos em Saber cuidar (1994) acenamos para as dimensões do masculino (trabalho) e do feminino (cuidado) como fundadoras de modos de existir e de de viver eticamente.

Convém, entretanto, de saída, esclarecer que os temas da justiça e do cuidado não se concretizam exclusivamente do homem ou da mulher. Homem e mulher são apenas portas de entrada. Ambos compõem o ser humano, masculino e feminino,. Em razão disso, o masculino não pode ser identificado com homem e reduzido só a ele. Da mesma forma o feminino, com a mulher. Ambos são portadores da dimensão do animus e da dimensão da anima em outras palavras, do feminino e do masculino simultaneamente, mas cada qual de forma diferente e singular (Boff-Muraro 2002).

Por isso, o cuidado (feminino) afeta o homem bem como a justiça (masculino), a mulher. Ambos realizam a justiça e o cuidado, a seu modo, embora a justiça ganha mais visibilidade no homem, daí ser ele seu principal elaborador e o cuidado adquire mais densidade na mulher, sendo ela, portanto, sua principal portadora (Gilligan,1982,2).

Em razão desta inclusão insistem as referidas filósofas feministas em dizer que o tema do cuidado e respectivamente da justiça não são temas de gênero mas da totalidade do humano (Noddings 1984).

Hoje, dado o clamor ecológico geral, justiça e cuidado, masculino e feminino devem, como nunca antes na história, darem-se as mãos e caminharem juntos, cada qual contribuindo face às ameaças que pesam sobre a vida no planeta Terra. Precisamos de justiça social face ao imenso número de pobres e miseráveis e de justiça ecológica diante da sistemática agressão que nosso modo de produção industrialista/consumista pratica contra a natureza e os ecossistemas.

Ao mesmo tempo necessitamos do cuidado para com os milhões de afligidos e jogados nas periferias em termos de relação respeitosa, saúde, inclusão social. Igualmente faz-se urgente o cuidado para com a Terra ferida e para com a preservação dos bens e serviços naturais que garantem nossa sobrevivência nesse planeta.

Cabe à nossa geração e as vindouras, se conscientizarem da importância da cooperação tanto do homem (animus) como da mulher (anima) para juntos não sermos os últimos a salvar a vida no planeta Terra. Justiça e cuidado nos poderão garantir que ainda teremos futuro.

***Leonardo Boff escreveu Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela Terra, Vozes 2000.**

EDITORIAL

Fraude do INSS: uma conta que não fecha

Uma conta que não fecha. Como entender que uma fraude que, a princípio, implicou um ‘rombo’ estimado em R\$ 6,3 bilhões, em descontos indevidos do INSS contra aposentados e pensionistas, agora não deve superar R\$ 2 bilhões reembolsáveis aos lesados, conforme admitiu, há pouco, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad? Há quem diga que o descalabro financeiro de vários anos e sancionado pela gestão petista, possa ser bem maior. Mas a ‘cereja do bolo’ da desfaçatez palaciana é a declaração do presidente da autarquia, Gilberto Waller Júnior, de que o ‘ressarcimento’ deve ocorrer até dezembro deste ano.

De qualquer forma, a previsão de Haddad – que ganhou a alcunha de Taxad – se limita à categoria de ‘pitaco’, até porque o Executivo federal continua a não ter a menor ideia do quanto, de fato, o aparato previdenciário ‘tungou’ da faixa mais vulnerável (e que mais contribuiu) da população. Enquanto o ‘enigma’ não é elucidado, na hipótese de a ‘viúva’ ter de sacar os cofres públicos (de nossos impostos, diga-se de passagem), Brasília ameaça recorrer à uma ‘ação regressiva’, para cobrar os valores das asso-

ciações fraudulentas.

Na reunião do CNPS (Conselho Nacional da Previdência Social), nessa terça-feira (27), a título de demonstrar ‘lisura’, o ministro da Previdência, Wolney Queiroz, ‘excluiu’ a participação de representantes das associações de aposentados investigadas pela Polícia Federal (PF).

“Tivemos iniciativa de solicitar que investigadas fizessem afastamento provisório, sem violar a presunção de inocência. Apenas repetimos o que foi feito pelo próprio ex-ministro Carlos Lupi, que mesmo sem ser citado em nada optou por esse afastamento”, justificou Queiroz. Mas como em Pindorama, ‘há jeito para tudo’, os representantes-subs-titutos de centrais suspeitas participarão dos próximos encontros do CNPS.

Outro escândalo ‘no forno’ pode vir da reclamação do membro da CNC (Confederação Nacional do Comércio), Helio Queiroz da Silva, ao protestar contra o resultado do leilão do INSS para gerenciamento de sua folha de pagamento, vencido pela Crefisa, alvo de denúncia da seção de São Paulo da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil).

Vozes independentes em destaque

Numa região onde a cultura independente muitas vezes luta para se manter em evidência, o retorno da Rádio Criolina é mais do que uma boa notícia — é um ato de resistência.

Em nova fase, com estreia marcada para 31 de maio na Rádio Câmara FM e em mais de 1400 rádios parceiras, o programa reafirma seu compromisso com a música brasileira contemporânea e, especialmente, com a valorização da produção cultural do Distrito Federal.

Criada em 2007 pelos DJs Tiago Pezão e Rodrigo Barata, a Rádio Criolina sempre foi mais do que um programa de rádio: é uma extensão de um movimento que há quase duas décadas ocupa pistas, ruas e ondas sonoras com a pluralidade sonora do Brasil. Da festa Criolina ao bloco Aparelhinho, passando pela extinta

Cervejaria Criolina, o duo transformou a cena cultural de Brasília com curadoria afiada, respeito às raízes e ousadia nas experimentações.

Agora, em 2025, a Criolina se reinventa com o bloco “Planoalto e Bom Som”, que joga luz sobre as múltiplas vozes artísticas do DF. O destaque para nomes como Móveis Coloniais de Acaju, Letícia Fialho e Akhi Huna aponta para uma cena rica e diversa, que precisa — e merece — ocupar esse espaço.

Apoiada pelo Fundo de Apoio à Cultura do DF (FAC-DF), o lançamento da nova temporada é um exemplo do que políticas públicas de cultura podem gerar: projetos consistentes, necessários, conectados ao território e de alcance nacional. Que a Criolina siga pulsando, misturando e inspirando.


Opinião do leitor

Fome

Cenas tristes de crianças com fome, na Faixa de Gaza dilaceram almas e corações. Espetáculo de lágrimas e pavor. Olhos miúdos e apavorados em busca de comida. O pesadelo parece não ter fim. Crianças sem sonhos. Navegam na agonia e na desesperança. Restos amargos de famílias esmagadas.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: CONDE ZEPPELIN PARA EM SÃO PAULO ANTES DO RIO

As principais notícias do Correio da Manhã em 28 de maio de 1930 foram: Conde Zeppelin muda sua trajetória no Brasil e vai parar em São Paulo antes de chegar ao Rio de Janeiro. Colônias alemãs desejam parada do aeroplano no Sul do país, antes de ir para Buenos Aires. Mor-

HÁ 75 ANOS: CHINAS TRAVAM GRANDE BATALHA NAVAL EM MACAU

As principais notícias do Correio da Manhã em 28 de maio de 1950 foram: EUA, Grã-Bretanha e França assumiram a responsabili-

de de manter a paz no Oriente Próximo. China Nacionalista e China Comunista travam batalha naval em Macau. Boatos inticam eu URSS

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)

Paulo Bittencourt (1929-1963)

Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)

patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)

redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

WhatsApp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-202

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.